

## Jovens olhares sobre a escola e a educação: miradas desde as juventudes periféricas de Viamão/RS

### Young views on school and education: views from the peripheral youth of Viamão/RS

Victor Hugo Nedel Oliveira<sup>1</sup>  
Raquel Amaro da Silveira Torres<sup>2</sup>

#### Resumo

O direito à educação, garantido por leis como o Estatuto da Juventude e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, ainda enfrenta barreiras para sua efetiva realização. O objetivo deste artigo foi compreender como jovens de uma escola na periferia de Viamão/RS percebem seu espaço de escolarização e a importância atribuída à educação. Com uma abordagem qualitativa, a metodologia adotada baseou-se em pesquisa de campo, com sete observações; e na realização de dois grupos focais, com a participação de vinte jovens. A demanda de escuta das juventudes ficou evidente, refletindo no número de participantes, superior ao previsto. Observamos que, apesar das dificuldades enfrentadas, como professores desmotivados e baixa infraestrutura da escola, as juventudes investigadas atribuem grande importância à escola, educação e socialização, considerando-os como elementos fundamentais para a realização de projetos futuros, com qualidade de vida e boas oportunidades de trabalho.

**Palavras-chave:** Jovens; Juventudes; Escola; Ensino médio; Grupo focal.

#### Abstract

The right to education, guaranteed by laws such as the Youth Statute and the Brazilian Education Guidelines and Bases Law, still faces barriers to its effective realization. The objective was to understand how young people from a school on the outskirts of Viamão/RS perceive their schooling space and the importance attributed to education. With a qualitative approach, the methodology adopted was based on field research, with seven observations; and two focus groups, with the participation of twenty students. The demand for listening from youths was evident, reflected in the number of participants, higher than expected. We observed that, despite the difficulties faced, such as unmotivated teachers and low school infrastructure, the youths investigated attach great importance to school, education and socialization, considering them as fundamental elements for carrying out future projects, with quality of life and good job opportunities.

**Keywords:** Youth; Young people; School; High school; Focus group.

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É Professor Adjunto e pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também é pesquisador do Programa Pesquisador Gaúcho (PqG/FAPERGS). É membro da Rede de Pesquisa em Juventude no Brasil (REDEJUVE). Atua como líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação (GEPJUVE/UFRGS - CNPq). E-mail: [victor.nedel@ufrgs.br](mailto:victor.nedel@ufrgs.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em Geografia pela UFRGS. E-mail: [raqtorres.78@gmail.com](mailto:raqtorres.78@gmail.com)

## 1. Introdução

A educação, enquanto direito fundamental das juventudes no Brasil, ainda enfrenta desafios significativos, que refletem as dificuldades de uma sociedade que não dá o devido valor às suas estruturas educacionais nem aos sujeitos que compõem o sistema de ensino. Embora esse direito esteja garantido por legislações como o Estatuto da Juventude EJUVE (Brasil, 2013), a realidade da educação de jovens no Brasil, revela que a simples existência de leis não é suficiente para superar as barreiras históricas, sociais e econômicas que limitam essa inclusão.

As juventudes estudantes enfrentam desafios específicos, como o acesso à educação de qualidade, a inserção no mercado de trabalho, a mobilidade urbana e a permanência na escola. Portanto, conhecer os jovens e sua relação e significados atribuídos a escola/educação, passa por uma escuta atenta das juventudes em seus espaços formativos, visando a construção de políticas públicas voltadas para as juventudes, pautadas em um conhecimento profundo e atualizado desse público.

Diante deste entendimento, o objetivo deste estudo é, por meio da análise de um referencial teórico sobre juventudes e educação e da investigação proposta, entender como os/as jovens da instituição escolar selecionada percebem seu espaço de escolarização e qual a importância atribuem a educação. Focando em jovens-estudantes concluintes do Ensino Médio, buscamos gerar conhecimentos que possam contribuir para o fortalecimento de políticas públicas voltadas para as juventudes estudantes e trabalhadoras.

Para que fosse possível contribuir assertivamente no campo das Juventudes, associamo-nos ao subcampo de investigação da Geografia brasileira: as Geografias das Juventudes. Uma compreensão inicial sobre a temática jovem foi encontrada a partir de Oliveira (2023), através de um levantamento bibliográfico das pesquisas sobre Juventudes, no âmbito da Geografia, na pós-graduação brasileira. O autor destaca o potencial analítico dos estudos e pesquisas da Geografia no entendimento da relação dos sujeitos jovens com o espaço, como agentes de produção e reprodução destes. Ainda, segundo Oliveira (2023), os trabalhos sobre juventudes na Geografia brasileira são recentes, datando o princípio das publicações sobre a temática no início dos anos 2000, vindo à esteira do cenário nacional de estudos de outras áreas do saber, que iniciaram estas produções uma década antes. Todavia,

atualmente podemos observar que as pesquisas sobre as Juventudes estão em plena ascensão, evidenciando a relevância em estar atento aos rumos destas investigações e aos resultados produzidos, como importantes fontes de conhecimento para a sociedade.

Portanto, entendemos que é necessário ouvir as juventudes como forma de desenvolver estratégias mais eficazes para informar e conscientizar esses jovens sobre seus direitos educacionais e também produzir conhecimento que contemplem a diversidade juvenil e suas especificidades.

Na perspectiva do objetivo deste trabalho, em pesquisar como os/as jovens da instituição escolar selecionada percebem seu espaço de escolarização e qual a importância atribuída a educação, destacamos o Art. 7º do Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), que define o direito à “educação de qualidade, com a garantia de educação básica, obrigatória e gratuita, inclusive para os que não tiveram acesso à idade adequada”. Para além das garantias legais quanto ao direito à educação, os impactos da educação nas juventudes e nas sociedades, consequentemente, são extremamente relevantes de serem analisados, como forma de repensar os motivos da inclusão e da exclusão dos sujeitos jovens do sistema educacional. Buscando iniciar a compreensão desta dinâmica entre, jovens, escola e sociedade, encontramos explicação em Dayrell (2007), ao teorizar que:

Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços (Dayrell, 2007, p.2).

Ainda neste sentido o autor questiona se a escola “faz” as juventudes, e da necessidade da escola se adaptar às mudanças socioculturais que interferem na condição juvenil. Partindo deste questionamento, ele evidencia a necessidade de se problematizar essa condição, compreendendo o novo modo de ser jovem, questionando e refletindo sobre o sistema educativo, que deve ser repensado para atender aos novos desafios impostos pelas juventudes.

Gutierrez (2021) reflete sobre a importância, em diversos sentidos, da educação para as/os jovens:

A educação como direito, a educação como valor e finalidade do desenvolvimento, tem marcado não só a noção de juventude, na concepção da juventude como moratória social, mas também tem sido vista como uma alavanca para o desenvolvimento individual e social dos países. A educação em seus diversos sentidos, como instrução para o desenvolvimento, como direito em si e desencadeadora de outros direitos, educação como veículo de formação cidadã, educação como dispositivo de controle social e educação como manifestação da cultura, transcende os muros da escola e o ambiente familiar, situando-se em múltiplos espaços que se permeiam para constituir uma enorme e complexa rede de relações, interações, significados e práticas que configuram a vida juvenil e, com ela, a vida das sociedades deste grande continente (Gutierrez, 2021, p.1).

Fomos levados a acreditar que, na modernidade após a industrialização, as melhores oportunidades de educação dos mais jovens teriam como consequência um futuro economicamente mais próspero, porém isto não ocorreu de maneira igualitária para todas as classes sociais. O adiamento do ingresso na vida adulta para a obtenção de uma educação superior para o trabalho levou a cultivar essa ideia e a caracterizar em certa medida a idade da juventude como aquela marcada pela moratória social. É verdade que os níveis de escolaridade e o acesso à educação aumentaram significativamente, mas isso não funcionou da mesma forma em todos os grupos sociais (Gutierrez, 2021).

A moratória social, conforme conceito de Margulis e Urresti (1996), pode ser compreendida para as juventudes como um "tempo extra", um período no qual têm a oportunidade de amadurecer e desenvolver suas habilidades sem a pressão de atender a exigências que não condizem com as dificuldades impostas pelo contexto social, econômico e político em que estão inseridos. Nesse espaço, os jovens são resguardados de responsabilidades imediatas e exigências de desempenho que poderiam comprometer seu processo de formação, permitindo-lhes um maior espaço de reflexão e preparação para o enfrentamento das adversidades da vida adulta.

A interação colaborativa entre professores e alunos emerge como uma estratégia para promover uma educação escolar mais eficaz e inclusiva, implicando na revisão dos modelos tradicionais de ensino e no reconhecimento das juventudes como cocriadoras desses espaços. Quando escolhemos analisar os/as jovens estudantes, neste caso, jovens do Ensino Médio, fica evidente a importância em entender quem são estes jovens, afinal nem todos têm a oportunidade de seguir estudando, já que por vezes a vida cobra mais cedo a obrigação do trabalho e da

ajuda no orçamento doméstico, além de outros motivos comuns numa sociedade desigual.

Considerar o jovem que compõe o aluno implica em reconhecê-lo como indivíduo capaz de refletir e de se ver como participante da sociedade. Neste sentido, a oferta de tempos, espaços e relações de qualidade são condições fundamentais a fim de que estes possam experimentar e desenvolver suas potencialidades. Além disso, necessitam de reflexões mais elaboradas acerca de seus desejos, habilidades, possibilidades e do contexto social onde se inserem, conhecendo a realidade do mundo do trabalho como elemento de forte relevância para a construção de seus projetos de vida. (Ortiz; Colussi, 2021, p.230)

Socialmente entende-se o fato de cursar o Ensino Médio como uma oportunidade de desejar um futuro melhor, Bungenstab (2021) destaca o papel da escola como agente direcionador, não somente de preparação para o mundo do trabalho ou faculdade, mas também como local de socialização e experimentação. Cada vez mais este papel da escola nos projetos de vida dos alunos, em especial nas camadas mais populares da sociedade, está mais próximo do tempo presente. Portanto, é no dia a dia escolar que os jovens fazem as suas juventudes e refletem sobre ela.

## 2. Metodologia

As estratégias metodológicas adotadas nesta pesquisa envolveram pesquisa de campo e estudo de caso (grupo focal), com uma abordagem qualitativa, justificando-se pela possibilidade de explorar os significados das ações e relações humanas, como destaca Minayo (2001). A pesquisa é classificada como aplicada, pois visa gerar conhecimentos para ações práticas, e exploratória, permitindo um contato mais próximo com o problema por meio de levantamentos bibliográficos e entrevistas. Também é descritiva, por buscar caracterizar o fenômeno por meio da coleta de dados e observação Gil (2002). A combinação desses métodos, sob uma perspectiva multi-método (Pais, 1996), foi eficaz para apresentar os dados encontrados.

O cenário da pesquisa foi uma escola localizada na região leste de Viamão (RS), distante das áreas centrais do município. Essa escola é predominantemente frequentada por moradores do próprio bairro, devido à sua localização, que não



serve como ponto de conexão com outras partes da cidade. A instituição faz parte da rede pública estadual e possui infraestrutura adequada para atender turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, nos turnos da manhã e tarde. Segundo informações fornecidas pela direção da escola, o número aproximado de estudantes é de 540, sendo cerca de 160 no Ensino Médio, dos quais aproximadamente 60 estão no 3º ano.

Os sujeitos da pesquisa foram jovens com idades entre 17 e 20 anos, estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, todos residentes do bairro onde a escola está localizada. A previsão inicial pretendia realizar um grupo focal com a participação de 7 a 15 estudantes, porém devido à grande demanda de escuta por parte dos jovens, o número final de participantes foi ampliado para 20, em dois grupos focais. Dentre os participantes, 14 se identificaram com o gênero feminino e 6 com o gênero masculino. Quanto à etnia, 12 estudantes se identificaram como brancos, 6 como pardos e 2 como pretos.

A pesquisa de campo foi realizada através de sete observações em diferentes datas no período de maio a setembro de 2024. Os momentos previstos para serem observados tiveram que ser adequados de acordo com a rotina escolar, sendo assim foram observados a entrada e saída dos alunos, intervalo, merenda e as aulas de Geografia, Matemática e Projeto de Vida.

No cronograma abaixo demonstramos as datas, os horários e os momentos observados, sempre no turno da manhã, visto que os sujeitos desta pesquisa têm aula somente neste turno.

**Quadro 1** - Cronograma de observações

Data	27/05/24	06/06/24	11/06/24	08/07/24	05/08/24	02/09/24	03/09/24
Atividade	Entrada na escola	Merenda e recreio	Merenda, recreio e saída	Recreio e aula de inglês	Entrada e aula de matemática	Aula de Projeto de Vida	Aula de Geografia e Projeto de Vida
Horário	7h às 8h30	9h30 às 10h30	9h30 às 10h30	10h às 11h15	7h15 às 9h	11h às 12h20	11h às 12h20

**Fonte:** Organizado pelos autores (2025).

A realização dos dois grupos focais ocorreu na mesma data, porém em dois momentos separados, primeiro com a Turma A e depois com a Turma B, com duração aproximada de 1h30 cada grupo. As duas turmas escolheram diferentes

elementos para a identificação dos sujeitos, observando-se a Turma A com nomes referentes a modelos de carros e a Turma B com nomes de frutas.

A metodologia adotada para a análise dos dados obtidos fundamentou-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), pois permite compreender como os significados são construídos nas comunicações, possibilitando ao pesquisador ir além do que é explícito no conteúdo e alcançar uma interpretação mais aprofundada, levando em conta os contextos culturais, sociais e históricos. É importante destacar que esta pesquisa seguiu os cuidados éticos definidos na Resolução 510/2016 (Brasil, 2016), que define o respeito à dignidade humana e a proteção dos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos.

### **3. Juventudes escolarizadas: escuta, campo e caracterização da pesquisa**

As observações tanto dos espaços da escola quanto das turmas investigadas, ocorreram em sete diferentes datas no período de maio a setembro de 2024. Foram diversos momentos observados, desde a entrada e saída dos alunos, intervalo e merenda, aula de Geografia, Matemática e Projeto de Vida, componente curricular previsto no Novo Ensino Médio (Silva; Oliveira, 2023).

Dentre os fatores identificados, observamos uma grande variabilidade no número de alunos presentes, sendo fatores como as persistentes chuvas durante o inverno de 2024 no Rio Grande do Sul, justificados como um dos causadores das ausências. Os horários de entrada, acompanhados pela Diretora, são o momento em que os estudantes recebem a informação de quais professores compareceram na escola e até que horário eles ficarão em aula. Quanto às aulas observadas, a dinâmica aluno/professor costuma ser semelhante em todas as disciplinas, onde os professores expõem seus conteúdos e suas atividades relacionadas e os alunos executam. Os intervalos e a merenda acontecem ao mesmo tempo, porém nem todos os alunos costumam comer o lanche oferecido pela escola, que na maioria das vezes é composto de uma alimentação equivalente a um almoço. Destacamos a importância destes momentos de observação como de extrema relevância para a integração ao grupo de estudantes e de compreensão da dinâmica escolar. Estes momentos auxiliaram na elaboração do grupo focal.

O grupo focal ocorreu de forma abrupta, uma vez que foi agendado pela direção da escola com menos de 24 horas de antecedência, impossibilitando a comunicação prévia com os jovens sobre a importância de comparecer à aula no dia da pesquisa. Ainda assim, a maioria dos jovens interessados em participar estava presente na escola no dia do grupo focal, resultando em um total de 20 participantes. Nos quadros abaixo é possível observar a diversidade dos jovens participantes:

**Quadro 2 - Caracterização dos jovens da Turma A**

Nome Fictício	Idade	Etnia	Gênero	Mora no bairro	Escolha da escola	Mora com quem?	Trabalho/ocupação
Veloster	17	Branca	Feminino	Sim	Proximidade	Mãe e Irmão	Secretária
Skyline	18	Branco	Masculino	Sim	Proximidade	Irmão, mãe e avó	Pizzaria
Fiat Uno	19	Branco	Hétero	Sim	Proximidade	Pai e madrastra	Operador de Loja
Fusion	17	Prado	Masculino	Sim	Proximidade	Mãe, irmão e irmã	Sushman
Gol B.R.	18	Branca	Feminino	Sim	Proximidade	Namorado e família	Free
Monza	17	Parda	Hétero	Sim	Proximidade	Pais e irmã	Atendente
Range Rover	18	Prada	Feminino	Sim	Proximidade	Mãe	Não
Supra	17	Prado	Masculino	Sim	Proximidade	Pai e mãe	Não
GTR	18	Branco	Masculino	Sim	Proximidade	Mãe	Não

**Fonte:** Organizado pelos autores (2025).

**Quadro 3 - Caracterização dos jovens da Turma B**

Nome Fictício	Idade	Etnia	Gênero	Mora no bairro	Escolha da escola	Mora com quem?	Trabalho/ocupação
Morango	20	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe, padrasto e irmão	Não
Amora	17	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe, pai e irmã	Não
Manga	18	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Pai e mãe	Não
Abacaxi	17	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe, avô e avó	Não
Melancia	17	Parda	Mulher	Sim	Única escola do bairro	Mão, padrasto e irmão	Recepção
Banana	17	Preta	Mulher	Sim	Proximidade	Pai, mãe e irmão	Não
Uva	17	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe e pai	Não
Mamão	19	Preta	Mulher	Sim	Proximidade	Mãe e pai	Babá
Kiwi	18	Branca	Mulher	Sim	Proximidade	Sozinha	Mercado
Maçã Verde	18	Branco	Homem	Sim	Financeiros e locomoção	Pai e mãe	McDonald's
Abacate	17	Parda	Mulher	Sim	Proximidade	Pai e Mãe	Vendas

**Fonte:** Organizado pelos autores (2025).



Devido ao expressivo número de estudantes que demonstraram interesse em participar, foi necessário adaptar a previsão metodológica inicial, de realização de apenas um grupo focal, para a realização de dois grupos, possibilitando, assim, disponibilizar mais espaços de escuta qualificada para as juventudes com quem trabalhamos.

O Grupo focal aconteceu em dois momentos separados, primeiro com a Turma A e depois com a Turma B. A duração foi de aproximadamente 1h e 30min em cada grupo. As duas turmas escolheram diferentes elementos para serem identificados os sujeitos, observando-se a Turma A com nomes referentes a modelos de carros e a Turma B com nomes de frutas. Inicialmente aproveitamos a oportunidade para recapitular algumas informações previamente discutidas com os participantes. Foi informado aos jovens/estudantes que a totalidade da nossa conversa seria gravada, com a finalidade exclusiva de possibilitar sua posterior transcrição e, assim, aprimorar a análise das falas.

#### 4. Juventudes e escola

As nuvens de palavras geradas a partir do eixo juventudes e escola, trazem para o contexto principal da discussão as palavras: “escola”, “aula”, “ensino”, “educação”, “professores” e “estudo”. Também surgem palavras relacionadas às dificuldades de mobilidade urbana em relação ao trabalho, como “ônibus” e “trabalhar”.

**Figuras 1** - Nuvem de palavras Juventudes e Escola na Turma A



**Fonte:** banco de dados da pesquisa via Voyant Tools (2025).



É perto da minha casa, eu sempre estudei aqui desde pequenininha, então conheço todo mundo. Desde a primeira série eu tô aqui. Eu gosto do entretenimento e as aulas têm umas, principalmente o [nome de professores] que ensinam muito bem, de [nome de disciplina], são muito bons, só nos cobram bastante. Sabe quando o professor tem interesse em fazer o aluno aprender? Tu não vem em vão quando tem aula deles aqui. Então por isso que eu gosto. *(Monza, 17 anos, mulher, parda)*

Os jovens falam dos problemas relacionados à infraestrutura, e como eles influenciam negativamente a realidade escolar:

Eu acho que na nossa escola falta muita infraestrutura. Ali mesmo a questão da quadra, a quadra é uma *merda*. As salas. *(Banana, 17 anos, mulher, parda)*

Os colegas que concordaram com esta afirmação, colaboram dizendo que realmente a escola tem uma infraestrutura precária, mas entendem que existem espaços escolares piores e que o que faz a escola boa são as companhias e alguns professores. Nas falas dos jovens, são sempre destacados como pontos positivos da escola, dois professores, em especial de [nomes das disciplinas], que de acordo com os jovens estudantes, são professores atenciosos e competentes:

Matéria nova ele vem para o vídeo, mostra vídeo para a gente, vai explicando, deixa a gente perguntar, não é uma coisa só copia do quadro e essa é a matéria nova. *(Monza, 17 anos, mulher, parda)*

Já quando falam dos demais professores, existem diversas reclamações sobre suas metodologias:

Professores eu acho bom. Mas alguns não levam a sério o trabalho. *(Melancia, 17 anos, mulher, parda)*

Alguns não têm conhecimento suficiente para dar o que eles são obrigados. *(Maçã verde, 18 anos, homem, branco)*

Tem umas professoras que chegam na sala entregam o livro, isso já acontece a três anos, vocês vão fazer uma cruzadinha disso, um resumo disso, eu quero para hoje e fica mexendo no telefone. Não fala com ninguém. *(Uva, 17 anos, mulher, branca)*

Apesar das críticas, os jovens-estudantes compreendem as dificuldades enfrentadas por alguns professores, causadas tanto da falta de preparo para ministrar aulas das trilhas incluídas no Novo Ensino Médio, quanto pela baixa quantidade de períodos, como no caso da aula de Geografia:

Na verdade, eu entendo ela, antes quando ela tinha mais períodos ela dava algumas coisas para fazer, mais trabalhos, trabalho da pirâmide que a gente fez, que depois a gente fez a provinha... agora ela tem um período. Ela não tem tempo para nada. Os professores às vezes demoram para sair da sala, quando ela entra já: O que eu vou dar agora? Não sei onde vocês pararam, abre o caderno, o que tem no caderno? Ela vai lá, procura uma coisa lá, qualquer coisa lá, eu não programei o que vocês tinham antes para fazer depois. Ela tem um período, quando ela vai programar já terminou o período dela. *(Monza, 17 anos, mulher, parda)*

A implementação do Novo Ensino Médio traz nestes jovens a certeza de que eles não têm estudo suficiente e de qualidade para que possam obter bons resultados na prova do ENEM. Este é um consenso entre os jovens estudantes, como podemos observar:

Essas eletivas que colocaram não vão adiantar em nada. No ENEM tu não vai botar, meu resíduo, minha responsabilidade. Eu vou chegar no ENEM e não vou saber o mínimo. *(Veloster, 17 anos, mulher, branca)*

A redação a gente tá ok, mas ninguém tem o ensino básico, básico mesmo. Sociologia a gente não tem. Filosofia nunca tem. Literatura, eu estava louca para aprender Literatura, de pegar ler, fazer um debate sobre esse livro. *(Uva, 17 anos, mulher, branca)*

No que tange aos conhecimentos matemáticos, três depoimentos definem como se sentem inseguros quanto às suas capacidades de resolução de problemas:

Eu não sei fazer conta de porcentagem. *(Melancia, 17 anos, mulher, parda)*

A gente não sabe fazer fração. *(Abacate, 17 anos, mulher, parda)*

A gente não sabe fazer nada de cabeça. *(Uva, 17 anos, mulher, branca)*

Partindo dessa insatisfação com a instituição escolar cenário da pesquisa, questionamos o que mudariam na escola e por relacionarem uma boa escola à bons professores, o fator “professores” seria modificado por eles neste espaço escolar:

Os professores. Eles têm formação, às vezes eles não querem dar porque não querem. Formação eles têm, eles sabem tudo do que do que explicar para a gente, sabem ensinar, só que tem preguiça, parece quem tem preguiça. *(Monza, 17 anos, mulher, parda)*

Eles mencionaram que, embora alguns professores possuam conhecimento, a forma como ensinam é desmotivadora e repetitiva, com atividades como copiar do livro ou fazer cartazes, em vez de aulas dinâmicas. Além disso, dizem sentir que

matérias essenciais, como Química e Física, perderam espaço para novas disciplinas que consideram pouco úteis para o dia a dia:

Química a gente tinha dois períodos, agora tem um só. Física também. Geografia eram dois. A aula rendia, o professor tinha vontade de dar, te coloca no lugar do professor, ele planeja uma aula, aí tu chega e tem um período para dar. É que nem o professor de [nome de disciplina], eu tenho certeza que ele não teria todo esse rendimento se ele tivesse um período só. *(Range Rover, 18 anos, mulher, parda)*

Neste momento, na Turma A surgiu a discussão quanto à utilidade da Geografia nas suas vidas, de acordo com os estudantes ela serve para localização, como podemos nestes depoimentos:

Mais ou menos. Eu entendo, tu vai sair na rua sem saber... O mapa, tem que saber se localizar. E como tu vai saber olhar o GPS sem saber Geografia? Faz igual meu primo que fugiu de casa indo para São Paulo e foi em direção ao centro. *(Monza, 17 anos, mulher, parda)*

Se tu for para Porto Alegre só reto daqui a pouco tu está lá nos caras cortando os teus cabelos *(Range Rover, 18 anos, mulher, parda)*

Observamos que entre as principais demandas estão a melhoria da merenda e a substituição de membros da administração, especialmente os agentes escolares responsáveis pela escuta de suas demandas emocionais. Tomazetti e Schlickmann (2016) procuram estabelecer o que é para os jovens uma boa escola:

Procurando estabelecer alguns contornos mais sistemáticos, pode-se afirmar que a escola é considerada como boa (aqui, não equivalendo a útil), na opinião dos jovens alunos, quando os ensina e os entende; quando possibilita que os mesmos possam participar e apresentar suas opiniões e fazer projetos.

Mesmo diante dos problemas relatados, os estudantes mencionaram motivos para frequentar a escola, referindo a importância das amizades e das interações sociais, incluindo alguns professores, mas principalmente a obrigatoriedade:

A gente tem uma interação muito boa, a gente pode não se gostar, mas a gente se une na hora de comer...ah vamos fazer um negocinho na sala... A gente gosta bastante dos professores. Eu venho muito pelo [nome de professores]. Terça, quarta e quinta eu não falto. *(Veloster, 17 anos, mulher, branca)*

A gente ama os professores. *(Monza, 17 anos, mulher, parda)*



Para terminar a escola. Para ter um emprego. Dos filhos da minha mãe eu sou a única que vai terminar a escola. Porque os outros tiveram problemas, filhos. *(Mamão, 19 anos, mulher, preta)*

O fato desta ser a única escola nas proximidades de suas residências, apareceu nos depoimentos:

Ah sei lá, é o único lugar que tem para ficar tá ligado? Essa é a quarta escola que eu estou estudando, eu estudava no [nome de escola], no [nome de escola], depois fui para [nome de cidade] e agora tô aqui. É a proximidade sim, porque na questão de ensino é bem precário sabe, não me interessa daí. *(Fusion, 17 anos, homem, pardo)*

Entretanto, o fator que mais conta para que estes jovens continuem frequentando a escola e mais especificamente finalizar o Ensino Médio, é a necessidade de uma formação para que possam alcançar melhores oportunidades de trabalho. Diversas falas convergem neste sentido:

É muito difícil conseguir um emprego com o Ensino Médio incompleto. Já é difícil com ele completo. *(Melancia, 17 anos, mulher, parda)*

O mercado de trabalho exige que a gente tenha o Ensino Médio completo. *(Uva, 17 anos, mulher, branca)*

Para ter um bom trabalho tem que ter a escola completa. Minha mãe diz: tudo que tu tem hoje eu não tive na minha época. *(Mamão, 19 anos, mulher, preta)*

Como contraponto, surgiram exemplos trazidos pelos jovens-estudantes de familiares que não concluíram a educação básica:

Meu irmão abandonou a escola no sétimo ano. *(Banana, 17 anos, mulher, parda)*

O meu pai parou de estudar no quinto ano. *(Uva, 17 anos, mulher, branca)*

Apesar das dificuldades em conciliar escola e trabalho, ficou evidente que eles compreendem a importância da escola nas suas vidas e em seus futuros, concordando que a educação é capaz de gerar qualidade de vida. Porém, exemplificam alguns casos de pessoas conhecidas que não concluíram a educação básica e, na opinião deles, tem uma vida boa:

Porque meu pai fez até o sexto ano e ele tem um serviço muito bom. *(Abacate, 17 anos, mulher, parda)*

Tem gente que diz que faculdade não dá dinheiro. Mas acho que é questão do mercado de trabalho, que anda muito concorrido. Em outras opções ele não é muito valorizado. *(Banana, 17 anos, mulher, parda)*

Através de outros exemplos, pensando no passo seguinte ao Ensino Médio, eles reconhecem a importância do Ensino Superior para qualidade de vida no futuro:

Eu tenho uma conhecida formada em contabilidade, ela trabalha na Renner e ela ganha quase cinco mil reais. O estudo ajuda em muitas partes, não só no intelecto, como também na vida profissional, pessoal, em tudo o estudo ajuda, é fundamental. *(Melancia, 17 anos, mulher, parda)*

Colaborando com esta discussão, Dayrell e Jesus (2016) contribuem dizendo que a interrupção dos estudos e a entrada precoce no mercado de trabalho são vistas como atalhos para o que parece ser essencial — a geração de renda — a continuidade da educação passa a ser justificada apenas por uma promessa moderna: "Estude para se tornar alguém; uma pessoa capaz de gerar renda e, finalmente, consumir como os demais." Nesse contexto, tanto a educação quanto o trabalho perdem seus significados mais profundos. "A educação deixa de ser um espaço onde as novas gerações se apropriam dos conhecimentos acumulados pelas anteriores, perdendo assim seu papel humanizador. Transforma-se em uma mercadoria, um meio para um consumo futuro mais amplo, desvinculando-se de seu valor intrínseco".

No momento seguinte, ao apresentarmos aos jovens-estudantes a pesquisa "Juventudes fora da escola" (FRM, 2024), que revela que quase dez milhões de jovens brasileiros estão fora da escola, os jovens estudantes começaram a listar as razões para isso a evasão escolar:

Eu se sou o [nome de um colega] eu já tinha largado a escola. Tu tá aqui porque tu é guerreiro. Porque imagina, tu começar a trabalhar com treze anos, tu ter que te virar. Independente se fosse estágio ou não, tu ter que pôr a comida na mesa literalmente, tu ter que acordar no outro dia de manhã. Chegar tarde e acordar cedo. Vocês também. Ela chegou meia noite ontem em casa e aí acorda cedo hoje pra vir pra uma aula que tu chega aqui fica ouvindo baboseira de professor e gritos. *(Range Rover, 18 anos, mulher, parda)*

Depende da estrutura, do lugar fora da escola. Que nem uma periferia, muito jovem que vê outra realidade e não quer vir para a escola. *(Morango, 20 anos, mulher, branca)*

A relação entre escola e trabalho não é simples, conforme Dayrell e Jesus (2016), geralmente envolve projetos que se sobrepõem ou recebem ênfases distintas, dependendo do momento do ciclo de vida e das condições sociais que possibilitam ao jovem vivenciar sua fase juvenil. Embora seja alta a porcentagem de jovens que tentam conciliar escola e trabalho, também é significativo o percentual daqueles que não conseguem integrar essas duas dimensões de forma eficaz.

Esse esforço, necessário para conciliar trabalho e estudos é ressaltado, sendo o cansaço e a falta de motivação fatores determinantes, na opinião dos jovens, para que os estudantes deixem a escola:

Eu já tô quase desistindo da escola. Só de pensar que tem que vir ainda. Eu trabalho na [nome de estabelecimento comercial], eu sou sushiman. Até meia noite, todos os dias e sexta e sábado que vai até mais tarde. (*Fusion, 17 anos, homem, pardo*)

Eu um exemplo, ontem mesmo eu cobri um casamento, um aniversário de casamento e foi até às três da manhã. Eu trabalho em uma pizzaria, sou pizzaiolo. (*Skyline, 18 anos, homem, branco*)

Além disso, os alunos mencionaram outros fatores que contribuem para a evasão escolar, como gravidez na adolescência, bullying, uso de drogas e influências sociais. Novamente os jovens trazem exemplos particulares e familiares:

Ou até mesmo o preconceito. Tem muitos adolescentes que largam porque tem muito preconceito. Eu já pensei muitas vezes em largar a escola por conta que eu sofria muito bullying. (*Uva, 17 anos, mulher, branca*)

A minha mãe largou a enfermagem porque ela engravidou. Era muito nova. Ela tinha curso técnico e ela gosta muito da área e queria seguir. Só que ela falou, ou eu ficava contigo em casa e te criava ou eu passava 24h dentro do hospital. Daí não tinha como ela continuar. (*Monza, 17 anos, mulher, parda*)

Segundo estes jovens-estudantes, existem mais pontos a serem destacados, que indicam os motivos para os jovens estarem fora do sistema educacional. Alguns saem para trabalhar e ajudar suas famílias, para eles a questão financeira é um obstáculo para continuidade dos estudos. Assim, eles percebem que muitos jovens não veem outra opção a não ser o crime, e começam a trabalhar com tráfico de drogas:

Meus primos tudo abandonaram a escola para virar traficante. (*Abacate, 17 anos, mulher, parda*)

Ainda sobre a evasão escolar, a maioria dos jovens diz conhecer alguém que abandonou a escola, relatando alguns motivos:

Aham, minha amiga. Ela começou a trabalhar. Como ela já tinha feito 18, se ela largasse o colégio ela poderia fazer mais horas e ganhar mais. Ela vai fazer EJA agora. *(Range Rover, 18 anos, mulher, parda)*

Eu tenho até um exemplo dentro de casa, meu pai. Ele não terminou a escola. ele largou a escola faltando três meses para completar o Ensino Médio. É que ele era frentista. Aí a minha mãe estava grávida e ele largou a escola porque ele ia trabalhar mais horas no posto. *(Monza, 17 anos, mulher, parda)*

Contudo, estes jovens conseguem identificar alguns fatores que incentivariam o retorno dos colegas ou amigos à escola:

Tem a questão do ensino, o ensino é uma porcaria, a questão dos horários de ensino. Para que o jovem possa trabalhar e estudar, porque muitas escolas não tem estudo de noite. *(Banana, 17 anos, mulher, parda)*

Acho que isso vem muito do aprendizado de casa. Tem pessoas que não tem o apoio do pai e da mãe dentro de casa. O pai e a mãe ficam trabalhando, não tem ou a mãe ou o pai. Tá sendo criado a Bangu, se eu quiser ir para a escola eu vou, se eu não quiser não vou. Então não é interessante ir. Aí vai lá e arruma um emprego, qualquer um e tá contente com isso. Tá bom para mim. Só que a pessoa não tem o conhecimento tipo, vou para o futuro, preciso pensar no meu futuro. *(Maçã verde, 18 anos, homem, branco)*

De acordo com estes jovens-estudantes, a falta de qualificação limita as oportunidades de trabalho, na opinião deles, empregos que não exigem uma escolarização mínima, não garantem estabilidade ou crescimento profissional. Os jovens comentaram ainda, sobre a precariedade de algumas oportunidades de trabalho informal para adolescentes, citando exemplos de familiares que trabalham sem carteira assinada e em condições desfavoráveis:

Muitos desses não têm carteira assinada, muitos não podem assinar carteira de menor. E muitos menores trabalham em empregos que um adulto trabalharia. E muitos não assinam a carteira porque é mais fácil para a empresa. A questão não é nem empresa. Ah eu cuido de tal senhora e ganho tanto por mês, para mim tá ótimo. Eu não vou precisar estudar para isso, eu não preciso ter tanta responsabilidade. *(Maçã verde, 18 anos, homem, branco)*

O meu irmão está trabalhando agora. Ele trabalha num mercado e o mercado pegou ele como freelancer, era para ele trabalhar alguns, mas ele tá trabalhando a semana toda para ganhar por semana 200

pila. Eles vão assinar carteira só depois de oito meses. Ele não fez entrevista nem nada, o filho do meu padrasto trabalha lá e chamou ele para trabalhar. Ah vem nesse dia que é freelancer que estão precisando. *(Morango, 20 anos, mulher, branca)*

Ao final do grupo focal, foi possível identificar como estes jovens percebem seu espaço de escolarização e o papel da educação nas suas vidas. Essa percepção é moldada por fatores que vão além da qualidade do ensino, incluindo a influência dos professores, da infraestrutura escolar, das amizades, dos gestores educacionais e das expectativas que esses jovens depositam no tempo investido na educação básica. As dificuldades em conciliar trabalho e estudos surgem como o principal obstáculo para a continuidade da educação, um desafio que, por sua vez, parece aproximar esses jovens do que eles percebem como a "vida adulta".

## 5. Considerações finais

Reiteramos que a educação, enquanto direito das juventudes brasileiras, continua enfrentando desafios significativos que refletem as dificuldades estruturais da nossa sociedade. Com base em uma compreensão preliminar sobre as juventudes e a educação, alicerçada em um referencial teórico previamente estabelecido, foi possível analisar os significados atribuídos pela sociedade à escolarização, considerando as diversas influências e interpretações que configuram a relação entre os indivíduos jovens e o sistema educacional.

Focando em jovens concluintes do Ensino Médio, voltamos nosso olhar para a juventude que está na iminência de entrar no mundo do trabalho. Sendo assim, concentramos nossos esforços para que este trabalho pudesse produzir conhecimentos, que futuramente possam auxiliar na melhoria da relação educação/trabalho. Entendemos a importância de ouvir as juventudes, como meio de adquirir conhecimento sobre suas realidades e expectativas, produzindo um conteúdo que reflita os sentimentos juvenis sobre suas vidas, suas escolas e seus projetos para o futuro.

Através das observações de campo, realizadas em diversos momentos da rotina escolar, foi possível planejar a evolução da pesquisa no sentido de trazer a dinâmica do grupo focal para aquelas realidades juvenis, contribuindo para resultados mais fidedignos. Também acreditamos que a opção pelo grupo focal,



como estratégia metodológica, revelou-se adequada diante da grande demanda de jovens que desejavam ser ouvidos. Posteriormente às observações de campo e ao grupo focal, na análise de dados, foram utilizados os diários de campo das observações e as transcrições dos dois momentos de grupo focal com as duas turmas investigadas. A comprometida escuta das falas juvenis, conectadas ao embasamento adquirido através do referencial teórico, confirmaram a assertividade da escolha metodológica da pesquisa.

Para a análise deste trabalho, foi necessário buscar outros referenciais no campo de pesquisa das juventudes, dentre eles estão: juventudes e mobilidade urbana, visando entender as dificuldades que os jovens enfrentam em conciliar suas rotinas, apesar da precariedade do transporte público; a demanda da escuta das juventudes, diante do grande número de jovens interessados em participar da pesquisa; e juventudes e trabalho, tendo em vista que mais da metade dos jovens pesquisados neste trabalho já estão inseridos no mercado de trabalho.

Sendo assim, em “juventudes e escola”, surgiram as percepções dos jovens-estudantes sobre a escola em que estudam e até mesmo, em âmbito geral, acreditando ser de baixa qualidade a educação pública no Brasil. Estes jovens identificam problemas na infraestrutura da escola como somente uma parte do todo e que contribui para a situação difícil que encontram para estudar. Eles relatam a pouca vontade de alguns professores em planejar aulas e a falta de preparo destes docentes para ministrar as trilhas do Novo Ensino Médio, como o fator que faz com que eles acreditem não ter capacidade de concorrer a uma vaga na universidade pública através do ENEM. Frequentam a escola visando qualidade de vida, pois já compreenderam que o mercado de trabalho vai exigir isso deles, ou vão sempre ter que se submeter a subempregos. Outro motivo que faz com que estes jovens frequentem a escola é a obrigatoriedade, tanto por parte da legislação vigente no país, quanto devido à pressão familiar. Afinal, alguns jovens-estudantes deste grupo já estão inseridos no mercado de trabalho e sentem o desejo de abandonar os estudos. Porém, eles observam exemplos de colegas e familiares que abandonaram a escola e, apesar de algumas exceções, admitem que a educação é um meio de atingir qualidade de vida.

No caso desta pesquisa, a escolha de uma escola periférica, trouxe a visão de o quanto o espaço vivido interfere na realidade destes jovens, refletindo em seus

projetos para o futuro. Ao concordar com Santos (1996), quando diz que o espaço vivido se refere à maneira como as pessoas percebem, experimentam e se relacionam com o espaço ao seu redor, levando em consideração suas vivências cotidianas, suas interações e as significações que atribuem aos lugares, compreendemos os valores atribuídos por estas juventudes a estes espaços de formação.

Por fim, acreditamos que esta investigação contribuiu para o reconhecimento e valorização das experiências destas juventudes, através de um olhar atento ao cenário escolhido, de uma escuta comprometida com as falas destes jovens e de uma análise criteriosa dos resultados. Nesse sentido, é fundamental que pesquisas como esta continuem a ser realizadas, pois somente por meio de um aprofundamento constante na compreensão das realidades vividas pelos jovens é que poderemos identificar soluções inovadoras e práticas que realmente promovam melhorias na educação, tornando-a mais inclusiva, acessível e alinhada às necessidades e potencialidades dessa parcela da população brasileira.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, 5 ago. 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm) Acesso em: 30 de jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 30 de jan. 2025.

BUNGENSTAB, G. C. Quem são os jovens do ensino médio? **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.110445.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, J. T.; JESUS, R. E. de. Juventude, Ensino Médio e os Processos de Exclusão Escolar. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407–423, maio 2016.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Juventudes Fora da Escola**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://fundacaorobertomarinho.org.br/> Acesso em: 30 de jan. 2025.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUTIÉRREZ BONILLA, M. L. Dossiê Juventudes e Educação – Prefácio: Um esforço a que não devemos renunciar: a educação para a liberdade de todos. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.112945.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. *In*: ARIOVICH, L (Ed.). **La juventud es más que una palabra**: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30. 92

MINAYO, M. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, V. H. N. (Org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023

ORTIZ, I. R. G.; COLUSSI, L. A. da F. Os jovens entre a escola e o trabalho: tensões e contradições. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2021.

PAIS, J. M. Das regras do método, aos métodos desregrados. **Tempo Social**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 85–111, jan. 1996.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SPOSITO, M. Juventude e Educação: Interações entre a Educação Escolar e a Educação Não-Formal. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 2008, p. 83-88.

SILVA, G.; OLIVEIRA, V.H.N. Quem são os jovens que vivenciam o “novo” Ensino Médio? Um estudo de caso em Porto Alegre/RS. **Revista Educar Mais**, v. 7, p. 915–930, 2023.

TOMAZETTI, E. M.; SCHLICKMANN, V. Escola, ensino médio e juventude: a massificação de um sistema e a busca de sentido. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 331–342, abr. 2016.